



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
CAMPINA GRANDE

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

Centro de Humanidade – CH

Unidade Acadêmica de História e Geografia – UAHG

Curso de História

**MENSTRUÇÃO: TRADIÇÕES E (DES) CONTROLE DO CORPO
NA ZONA RURAL DE CUITÉ NA DÉCADA DE 1960**

Virgínia Palmeira Moreira

Iranilson Buriti de Oliveira (orientador)

Campina Grande, Outubro de 2010

Virgínia Palmeira Moreira

**MENSTRUÇÃO: TRADIÇÕES E (DES) CONTROLE DO CORPO
NA ZONA RURAL DE CUITÉ NA DÉCADA DE 1960**

Monografia submetida à Unidade
Acadêmica de História e Geografia da
Universidade Federal de Campina Grande
para a obtenção do título de Licenciado
em História.

Orientador: Iranilson Buriti de Oliveira

Campina Grande, Outubro de 2010



Biblioteca Setorial do CDSA. Maio de 2025.

Sumé - PB

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais José Wilson e Romélia por todo amor e dedicação, que têm me acompanhado diariamente, incentivando e encorajando diante dos percalços da vida.

As minhas queridas amigas, Clarissa, Valesca, Samira e Danuza, parcerias sólidas, construídas ao longo do tempo com muita ternura e confiança. Obrigada pelas críticas, sugestões e revisões ao longo deste trabalho.

Ao meu orientador Iranilson Buriti de Oliveira, pela disponibilidade e atenção, estímulo e por acreditar neste trabalho.

As mulheres que me permitiram ouvir suas histórias, que serviram de base para esta pesquisa, confiando a mim segredos e silêncios, narrando suas histórias de vida.

A todos aqueles cujos nomes não estão expressos aqui, mas que, de algum modo contribuíram para realização deste trabalho.

RESUMO

Esta pesquisa busca analisar discursos e tabus que foram construídos sobre o corpo feminino, enfocando o ato da menstruação como uma prática para se pensar códigos e valores presentes no contexto sociocultural no qual as mulheres estão inseridas. Esta pesquisa atenta para o simbolismo cultural da menstruação, decorrente das transformações biológicas e psicológicas desenvolvidas durante a puberdade. Para tal, nos apoiaremos nos depoimentos orais de dez mulheres, com idades que variam de 60 a 70 anos de idade. Vale ressaltar, que todas as entrevistadas nasceram e foram educadas no meio rural, bem como vivenciaram sua primeira menstruação neste espaço. Desse modo, a presente pesquisa procura problematizar como mulheres, a partir da experiência menstrual constroem representações do feminino. Sob uma perspectiva da história cultural, à medida que abordamos práticas e representações e suas manifestações dentro de uma lógica cultural específica a sociedade a qual estas mulheres pertencem. Para tanto, buscamos aporte teórico nas questões de gênero e identidade, analisando símbolos e significados que são atribuídos ao corpo menstruado para se pensar as práticas e representações que são elaboradas e reinventadas no cotidiano de Cuité, Paraíba

Palavras-chave: Corpo, Identidade Feminina, Relações de Gênero, Representação

SUMÁRIO

Introdução	1
1. Capítulo I - “Como Confiar Em Alguém Que Sangra Quatro Dias Por Semana”.....	3
2. Capítulo II – Menstruação: Discursos Elaborados Sobre O Corpo Feminino.....	14
2.1. “Ela me disse que eu tava de boi...”	16
2.2. “Aí, quando eu menstruei pela primeira vez, aquela coisa...”	18
2.3. “... pêpê e pápá...”	23
3. Considerações Finais	29
4. Referencias Bibliográficas	31

INTRODUÇÃO

Nosso trabalho versa sobre as percepções sobre o corpo feminino a partir da década de 1960, na cidade de Cuité, Paraíba, analisando o ciclo menstrual como eixo para se pensar práticas e representações na construção de subjetividades, em que valores e práticas sociais moldam e orientam condutas e comportamentos sobre o corpo menstruado.

A escolha de trabalhar a menstruação como eixo para se pensar a construção de uma identidade feminina, é por considerar este um tema relevante à medida que constitui um debate extremamente rico e complexo, que contempla conceitos como gênero, identidade, representações, entre outros. Em especial, optamos por trabalhar com depoimentos de mulheres que menstruaram por volta da década de 1960, na zona rural da cidade Cuité, enfocando o ciclo menstrual feminino, a partir da avaliação dos códigos e valores sociais referentes ao momento sócio-cultural no qual estas mulheres estão inseridas.

O trabalho se inicia com um capítulo introdutório ao tema, acompanhado de uma discussão teórica acerca de questões como os conceitos de identidade e gênero, assim como, a problematização do corpo enquanto um agente cultural na construção identitária da mulher na sociedade. Ao longo deste primeiro capítulo, se discutirá a influência da Terceira Geração dos Annales (1960) para a historiografia, bem como seus impactos na historiografia brasileira, além de se discutir a importância de se trabalhar com esta temática.

O segundo e último capítulo, fará uma análise mais detalhada dos depoimentos aqui coletados, enfatizando pontos que estruturam a narrativa das mulheres entrevistadas: a experiência da primeira menstruação; a metaforização do período menstrual; a menstruação e as superstições que se criaram em torno do corpo menstruado; a menstruação relacionada à doença e, por fim; os cuidados para com o corpo menstruado. O segundo capítulo ainda irá esboçar uma breve discussão sobre a metodologia utilizada no presente estudo e a importância da fonte oral na elaboração deste trabalho, dando lugar também a uma breve descrição do universo rural, do qual estas mulheres participam.

Assim, este trabalho analisa os impactos trazidos pela menstruação e seus desdobramentos no que diz respeito aos cuidados para com o corpo durante o período menstrual, enfocando para tanto práticas e valores que orientavam condutas

e posturas para com o corpo durante a menstruação entre mulheres nascidas a partir da década de 1940. Para tal, esta pesquisa apoiou-se na realização de entrevistas, através dos depoimentos de dez mulheres, que menstruaram por volta das décadas de 1950 e 1960, enfocando aspectos de suas experiências com o corpo menstruado, atentando para mitos, tabus e costumes que se estabeleciam em torno da menstruação.

Logo é válido apontar, que nesse período, com o final da Segunda Guerra Mundial, o Brasil vivenciou um intenso crescimento urbano e industrial o que por sua vez contribuiu para o aumento das possibilidades de estudos e trabalho para homens e mulheres. No que dizem respeito aos anos 60, estes foram marcados por revoluções como a sexual e conquistas como a pílula anticoncepcional, que desvinculava o prazer sexual da procriação, criando novas formas de se lidar com o corpo e com a sexualidade. Entretanto, toda essa liberdade sexual promovida pela revolução sexual e a descoberta da pílula, mostrava, de certa forma, o quanto as distinções entre os gêneros continuaram nítidas. E, no caso das mulheres aqui entrevistadas, essas mudanças não alcançaram seu nicho social, vindo chegar muito depois, tendo seus impactos sido amortecidos pelo tempo. O que não diminui sua importância para o histórico de lutas e conquistas das mulheres em uma sociedade machista e patriarcal.

A partir do material coletado através de entrevistas, nossa análise buscou problematizar o corpo feminino, enfocando seu ciclo menstrual como eixo para se pensar uma identidade feminina em um contexto sócio – cultural que transforma o corpo em uma entidade sexuada e socializada, modelando e estabelecendo práticas e saberes que iam sendo assimilados e subjetivados pela população em geral. Assim, este trabalho privilegia o relato de mulheres nascidas a partir da década de 1940, levando em consideração o contexto cultural no qual estas mulheres estão inseridas, buscando, desse modo, recuperar experiências e evocando lembranças ligadas aos valores e práticas que orientavam cuidados e posturas diante do corpo desde a puberdade, evidenciando, para tanto, seu período menstrual. Buscamos, portanto, delinear certas marcas sociais, tais como “origem”, classe social, história familiar, que nos forneçam sinais para uma melhor compreensão dos valores e conceitos que permeiam as experiências evidenciadas nos relatos aqui compartilhados.

1. CAPÍTULO I

“COMO CONFIAR EM ALGUÉM QUE SANGRA QUATRO DIAS POR SEMANA”

A zona rural da cidade de Cuité é o cenário das personagens aqui retratadas. O material coletado diz respeito a mulheres pertencentes tanto às camadas médias da população, quanto a pessoas de classe social e econômica menos favorecida, que viviam na zona rural deste município. Assim, a cidade de Cuité, constitui um espaço marcado por uma intensa rede de sociabilidade, na medida em que as pessoas que pertencem a esse lugar estabelecem entre si fortes laços de vizinhança, parentesco, amizade e compadrio, configurando, desse modo, um ambiente marcado por um forte controle social.

No entanto, nem sempre o corpo esteve na ordem do dia no que diz respeito ao interesse das pesquisas historiográficas, bem como pela sociologia, antropologia, psicologia, entre outras ciências afins. Assim como o amor, o desejo, a doença, a morte, a família, o corpo foi durante séculos uma temática irrelevante para o saber historiográfico, sendo, portanto, revisto nos últimos anos a partir de novas abordagens e novos olhares. Será, pois, principalmente a partir da década de 1960, que poderão se verificar mais precisamente estas mudanças com relação ao interesse da historiografia, onde temas como a história do corpo, a história das mulheres, a história da família, entre outros serão estudados não apenas do ponto de vista econômico, mas também do ponto de vista da cultura, configurando o que Peter Burke metaforicamente irá chamar de “Do porão ao sótão”, ao se referir à Terceira Geração da Escola dos Annales e sua influência sobre a historiografia, através da chamada Nova História, principalmente a partir da década de 1960, com a fragmentação de temas, multiplicando as fontes, criando diálogos antes incogitáveis para a historiografia, ampliando, dessa forma, as possibilidades para o ofício do historiador.

O grupo ampliou o território da história abrangendo áreas inesperadas do comportamento humano e a grupos sociais negligenciados pelos historiadores tradicionais. Essas extensões do território histórico estão vinculadas à descoberta de novas fontes e do desenvolvimento de novos métodos para explorá-los. Estão também associadas à colaboração com outras ciências ligadas ao estudo da humanidade, da geografia à lingüística, da economia à

psicologia. Essa colaboração interdisciplinar manteve-se por mais de sessenta anos, um fenômeno sem precedentes das ciências sociais (Burke, 1989, p.126)

Em se tratando da historiografia brasileira, será só a partir da década de 1980, que as preocupações em torno de temáticas como o corpo, a sexualidade, o amor, entre outras, estarão em pauta entre as pesquisas e estudos produzidos por esta historiografia. Entretanto, mesmo seguindo uma linha de estudo muito próxima daquela desenvolvida pela chamada Nova História Francesa da década de 1960, as produções acadêmicas brasileiras apresentarão certo cuidado quanto ao desenvolvimento de enfoques que preservem as especificidades da sociedade brasileira. Neste contexto, mesmo não produzindo obras essencialmente voltadas a sexualidade, ou mesmo ao corpo, Gilberto Freyre foi um dos principais expoentes na introdução de temas relacionados à sexualidade, normatizações e disciplinarização do comportamento sexual. Entre outros aspectos relacionados a estas temáticas, estiveram presentes em obras de sua autoria como “Casa Grande e Senzala” ou mesmo “Sobrados e mocambos”, já que estas obras são atravessadas por questões relacionadas a experiências sexuais e afetivas vivenciadas durante o período colonial no Brasil. Assim, Freyre analisa a formação da sociedade colonial brasileira a partir de aspectos que faziam parte da intimidade do indivíduo.

A verdade, porém, é que nós é que fomos os sadistas; o elemento ativo na corrupção da vida de família; e muleques e mulatas o elemento passivo. Na realidade, nem o branco nem o negro agiram por si, muito menos como raça, ou sob a ação preponderante do clima, nas relações de sexo e de classe que se desenvolveram entre senhores e escravos no Brasil. Expressou-se nessas relações o espírito do sistema econômico que nos dividiu como um Deus todo poderoso, em senhores e escravos. Dele se deriva a exagerada tendência para o sadismo característica do brasileiro, nascido e criado em casa grande, principalmente em engenho; e a que insistentemente temos aludido neste ensaio. Imagine-se um país com os meninos armados de faca de ponta! Pois foi assim o Brasil do tempo da escravidão (FREYRE, 1989, p.361)

Neste sentido, apesar das críticas recebidas, entre as quais, a forma como Freyre avalia o processo de escravidão que se desenvolveu na colônia brasileira, ou o conceito de família patriarcal desenvolvido por este, vem de certo modo sendo desmistificado por alguns estudiosos. No entanto, suas obras vêm sendo

revisitadas, à medida que se reconhece as contribuições deste autor no âmbito dos estudos culturais dentro da historiografia brasileira.

É comum dizer-se, entre os que pesquisam a história cultural no Brasil, que Freyre e Sérgio Buarque “faziam história das mentalidades sem saber”, formula bem humorada de reconhecer o pioneirismo de ambos no tratamento de certos temas de nossa história que só a custo, e graças à penetração da Nova História na universidade brasileira, passaram a ser valorizados pelos pesquisadores. (CARDOSO; VAINFAS, 1997, p. 160.)

Assim como Gilberto Freyre, as análises elaboradas por Sérgio Buarque de Holanda, apesar de extremamente distintas também abrem caminho para a produção de estudos que priorizam questões culturais na análise da civilização brasileira tais como:

A lhanza no trato, a hospitalidade, e generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. Seria engano supor que essas virtudes possam significar “boas maneiras”, civilidade. São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante. Na civilidade há qualquer coisa de coercitivo – ela pode exprimir-se em mandamentos e sentenças.” (HOLANDA, 1978, p. 106)

Ainda no que se refere aos novos enfoques levantados pela historiografia, o conceito de gênero ganhará força entre essas novas produções, onde o corpo assim como a sexualidade se afirmará cada vez mais enquanto campo onde se desenvolvem as relações humanas. As questões de gênero tiveram, portanto, grande repercussão dentro do movimento feminista contemporâneo. Será em meados da década de 1960, que para além dos interesses políticos e sociais femininos, esse movimento irá se aprofundar na elaboração de teorias, que por sua vez irão problematizar o conceito de gênero. Já, que, a preocupação acerca do universo feminino ultrapassava agora os limites da bipolaridade homem/mulher fundamentada na afirmação de que as características físicas e biológicas presentes em homens e mulheres seriam por sua vez, a justificativa para as relações sociais vigentes, bem como para os papéis desempenhados por estes na sociedade atual.

Desse modo, estudos realizados acerca do corpo, das condições de vida e de trabalho da mulher, assim como sua introdução no processo político e histórico, irão demandar um maior aprofundamento por parte dos estudiosos, garantindo desta forma, mais do que descrições detalhadas acerca do feminino, adentrando, assim, no campo das teorias explicativas das relações de gênero. Neste sentido, para além das descrições sexuais, o corpo carrega em si muito mais do que características físicas ou biológicas, mas, é ele um espaço de representações e discursos que se instituem e se legitimam por meio de práticas e condutas que dizem respeito ao modo como as pessoas encaram o ideário de feminino e masculino na sociedade moderna. Entendeu-se, portanto, o gênero como a estruturação social da diferença sexual, configurando o modo como as pessoas vivenciam sua própria sexualidade.

Desse modo, ao corpo não é extirpada suas especificidades biológicas, nem tão pouco estas serão deixadas de lado, no entanto, o debate irá se estabelecer em torno da historicidade do corpo feminino e seus desdobramentos dentro da prática social, ou seja, como as características sexuais são trazidas ao âmbito social e quais as relações destas representações dentro do processo histórico.

O objetivo desta pesquisa está na importância em se ampliar os estudos e fomentar discussões a respeito da construção de uma identidade feminina, a partir de enfoques que apresentam o corpo enquanto uma entidade sexuada e socializada. Para tanto, nos apoiamos na perspectiva apresentada por Hall (2003) de que a identidade é um processo que vai se produzindo a partir das diferenças, contribuindo para a presente pesquisa, tornando possível perceber as diferentes dimensões da identidade feminina. Hall afirma que:

a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo "imaginário" ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre "em processo", sempre "sendo formada." (HALL, 2003, p.38)

Utilizamos nesta pesquisa, o conceito de gênero como uma construção social do feminino e do masculino, no qual este conceito será usado para se pensar a construção de identidades. Partindo do princípio de que as diferenças entre os sexos não se sustentam em um determinismo biológico, mas, são socialmente construídas. Atentando para as complexas redes de poder que se desenvolvem em

torno do corpo, as questões de gênero passam a versar não só acerca da condição biológica de homens e mulheres, mas, integram um debate muito mais complexo, em que conceitos de identidade encontram espaço dentro das discussões de gênero, ampliando desta forma, o leque de possibilidades ao se analisar o corpo e a sexualidade. Dentro desta perspectiva, o conceito de identidade está diretamente ligado aos diversos papéis vivenciados pelo sujeito durante sua vida em sociedade. Desse modo, podemos entender que os sujeitos são atravessados por múltiplas identidades que podem ser verificadas nos diversos grupos ao qual o sujeito está inserido. Para Hall:

(...) é precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. (SILVA, 2003, p. 109)

Assim, ao subjetivarem uma identidade sexual, os sujeitos não levam em conta apenas suas características físicas, mas, construirão sua identidade a partir dos inúmeros discursos e representações que se instituem em torno do corpo, bem como da esfera social a que o sujeito pertence, a etnia, a religião, entre outros fatores que assim como o gênero fazem parte do processo de construção identitária do indivíduo. Para Deborah Britzman (1996), as identidades sexuais estão sempre se formulando e se transformando, configurando um processo construtivo contínuo e inacabado. Ela afirma que:

(...) a identidade sexual está sendo constantemente rearranjada, desestabilizada e desfeita pelas complexidades da experiência vivida, pela cultura popular, pelo conhecimento escolar e pelas múltiplas e mutáveis histórias de marcadores sociais como gênero, raça, geração, nacionalidade, aparência física e estilo popular. (BRITZMAN, 1996, p.74)

Assim, podemos observar que a construção identitária do indivíduo será um processo contínuo, fluido e não permanente, estando, desse modo, passível a negociação ou transformação.

É possível, neste caso, se pensar uma identidade feminina não finalizada, mas que se encontra em processo contínuo de construção em suas relações sociais, sendo permeadas ao longo do tempo por discursos, normas e representações que

vão sendo historicamente assimilados e normalizados, estando, pois, diretamente ligados as diretrizes sócio - cultural vigente na sociedade contemporânea. Dentro desta lógica, a dicotomia presente nas representações de gênero pode ser facilmente perceptível na noção de dominação e submissão, na qual a mulher ocupa um lugar de inferioridade em relação ao homem, visto como o pólo dominante dentro desta relação binária. De acordo com este pensamento, o corpo feminino vem sendo pensado como um lugar de procriação, fertilidade, fragilidade, entre outros estigmas, que são instituídos culturalmente e que vão estabelecer comportamentos, cuidados e subjetividades. Esse pensamento dicotômico limitou durante muito tempo a relação entre esses dois pólos, à medida que enxerga essa relação apenas por um único prisma, que se constitui fundamentado na noção de dominante e dominado. Problematicar este conceito significa ampliar as possibilidades de análise e apreensão das relações de gênero, permitindo que se examinem minuciosamente as identidades que se constituem no interior de cada pólo.

Entretanto as distinções biológicas entre homens e mulheres serviram de explicações e justificativas para as mais variadas posturas, condutas e normas que eram criadas pra justificar os lugares sociais ocupados por homens e mulheres durante o processo histórico, bem como as relações de poder que se instituíam no cotidiano social, modelando comportamentos e produzindo valores.

Ao se historicizar as relações de gênero, podemos perceber como características sexuais foram sendo colocadas a favor de um discurso que enquadra o corpo feminino em uma posição de vulnerabilidade em relação ao masculino, sendo alvo, portanto de práticas e saberes que se manifestavam em modos de agir, condutas e posturas que ganhavam respaldo nas ciências biológicas, principalmente através de um discurso médico que normatizam práticas disciplinadoras sobre o corpo.

Considerando a influência do discurso médico – científico no meio social, podemos perceber como o conhecimento médico tem se distanciado de outros saberes ligados ao senso comum, que passaram a ser vistos cada vez mais como saberes não científicos, sendo pejorativamente percebidos como curandeirismo, estando sempre relacionado a práticas arcaicas e sem eficácia, que por sua vez devem ser ultrapassadas pelo conhecimento científico. Desse modo, a medicina sustenta um status de supremacia dentro de um quadro de forças sociais, que instaura saberes e promove posturas que são socialmente aceitas e amplamente

difundidas entre a população. Neste caso, podemos pensar a medicina não apenas como uma ciência direcionada a cura, ou ao tratamento de doenças, mas, como um fenômeno social que se manifesta nas mais distintas esferas da sociedade.

Analisando a interferência médica no campo sócio - cultural e vice - versa, percebemos a urgência em se problematizar este conhecimento e sua interação com as condições políticas, econômicas e sociais de uma determinada época. Mesmo obedecendo a procedimentos e técnicas que dizem respeito unicamente a sua atividade científica, a medicina tem um longo histórico de intervenção e influência no comportamento de homens e mulheres, criando hábitos e construindo verdades, que se disseminam facilmente no cotidiano popular.

Ao se debruçar sobre o corpo, e, em especial sobre o corpo feminino e suas especificidades, o saber médico e sua atuação geraram um processo de gerenciamento dos corpos que se explicitaram na produção de saberes e práticas acerca do corpo feminino que se sustentam nas ciências biológicas.

Durante muitos séculos, o corpo feminino tem sido alvo de condutas disciplinadoras que buscam controlar este corpo, enxergado por muito tempo como um lugar de pecado e aprisionamento. Nos últimos anos, esta temática vem chamando a atenção da historiografia, tendo sido, portanto, objeto de inúmeras investigações históricas, que tem abordado o corpo a partir de variados enfoques.¹

Dentro desta perspectiva, cada vez mais, o corpo tem sido percebido enquanto ferramenta de estudo e compreensão de símbolos, significados e representações que ganham visibilidade a partir de diferentes olhares, sendo, portanto, problematizado nos seus mais variados sentidos. Neste sentido, a ciência moderna, se apresenta enquanto uma nova forma de enxergar e explicar o mundo, a partir de conceitos naturais e humanos, que buscam apreender o mundo natural por meio de métodos e técnicas como a observação empírica, a classificação, experimentação e a nomeação dos elementos, causando uma verdadeira revolução nos pilares das teorias científicas. As ciências ditas modernas impõem alguns princípios, nos quais o conhecimento passa a ser compreendido como um processo

¹ PRIORE, M. L. História das mulheres no Brasil. 1. ed. São Paulo: Contexto, 1997. 680 p.

RAGO, Margareth. A sexualidade feminina entre o desejo e a norma: moral sexual e cultura literária feminina no Brasil, 1900 – 1932. História – Anpuh. N. 28, Vol. 14, 1994.

PERROT, Michelle. "Práticas da Memória Feminina" In: Revista Brasileira de História n. 18. São Paulo, ANPUH, 1989

objetivo, calcado em preceitos dicotômicos, onde o observador encontra-se separado da realidade analisada, assim como a natureza e a cultura, dessa forma o corpo será avaliado em separado da mente. Assim, no século XIX, o discurso medico-científico constituiu uma visão sobre o corpo feminino fundamentada na diferenciação sexual, na qual a mulher é tida como o oposto, diferença essa que está indissociavelmente ligada ao seu corpo. Nesta distinção homem/mulher, o discurso médico produz pesquisas e discursos direcionados ao corpo feminino, atribuindo a estes significados práticos ao protótipo biológico das diferenças sexuais.

Dessa forma, os saberes médicos sustentaram conceitos e representações sobre a natureza feminina e suas particularidades, atuando diretamente na construção de regras e normas que atingiam a mulher e sua construção identitária. Sendo assim, o discurso médico esteve inserido dentro do pensamento social, político e filosófico, entre os séculos XIX e XX, na implementação de reformas sociais, onde o corpo foi alvo de processos normativos de controle e disciplina, garantindo não só a saúde do indivíduo, mas, da sociedade.

Ainda no que se refere ao corpo, e neste caso especialmente, o corpo feminino, nosso trabalho buscará problematizar os diversos simbolismos e significados que foram historicamente construídos sobre este corpo. Para tanto, orientamo-nos por meio de discursos historicamente instituídos sobre o corpo feminino, enfocando, no entanto o período menstrual, e os diversos valores e sentidos que este fenômeno biológico e orgânico vem sofrendo ao longo do tempo.

Neste sentido o corpo feminino, será expresso em diferentes discursos normativos, que assumem um caráter repressivo que se expressa em condutas e procedimentos.

Assim, quando se trata de dizer o corpo feminino e suas especificidades, o ato menstrual adquire uma série de metáforas, simbolismos e tabus. Este trabalho irá problematizar os significados e simbolismos que se construíram em torno do período menstrual feminino levando em conta as descrições encontradas tanto na tradição cristã quanto no saber médico. Buscando compreender as representações e os significados sobre o corpo feminino, especialmente seu período menstrual, analisaremos códigos sociais e valores específicos ao contexto sociocultural do qual as mulheres participam. Trata-se, portanto, de problematizar a lógica que tem norteado práticas e representações que homens e mulheres têm do corpo feminino menstruado e seus desdobramentos em condutas e comportamentos.

No final do século XIX e início do século XX, Estado, juristas e médicos irão instituir normas de controle e disciplina sobre a população, principalmente nas grandes cidades que vinham de encontro com um ideário de civilização que buscava se aproximar ao máximo dos parâmetros civilizatórios europeu. Neste sentido, as reformas realizadas durante este período não ficaram restritas ao cenário urbano, mas alcançaram outras esferas do cotidiano social, estabelecendo padrões de conduta e posturas que eram assimilados e incorporados pela população. Na elaboração das reformas urbanas implementadas nas grandes cidades, o discurso higienista obteve grande êxito em seu projeto de controle e gerenciamento dos corpos. Dentro desta perspectiva, o corpo feminino será pensado a partir de signos que se referem à maternidade, a inibição sexual, a domesticação do corpo, pautando o universo feminino dentro de um quadro de forças sociais que modelam comportamentos e valores femininos que enquadram a mulher em uma posição de submissão e recato, obedecendo, assim, a uma força moralizadora sócio – cultural.

No entanto, Elizabeth Bandinter (1995) questiona o simbolismo representado pela maternidade no Ocidente, tida como uma função por excelência feminina, atentando para o valor moral, religioso e social vinculado a este fenômeno e suas consequências na composição de identidade feminina.

Ao contrário da maternidade, identificada como missão da mulher na terra, a menstruação, mesmo constituindo uma prática orgânica e natural ao corpo feminino é permeado por uma visão negativa, onde o fluxo menstrual era considerado substância degenerativa. Assim, o menstuo adquire os mais inusitados significados que se revelam em práticas e condutas que são vivenciadas, métodos supersticiosos como quando mulheres utilizavam o sangue proveniente da menstruação em rituais direcionados a conquista de uma amor. No entanto, este fluxo era também utilizado em rituais devotados a doença ou até mesmo a morte de algum desafeto. Associado ao imaginário popular, a confiança na eficácia do sangue menstrual como recurso, poder que exerce influência seja sexual ou mesmo sobre a morte, evidenciam toda uma gama de sentidos e práticas que se revelavam em uma visão supersticiosa sobre o processo menstrual.

Ao corpo menstruado eram impostas restrições (conforme mencionaremos no capítulo seguinte) demasiadas que garantissem o isolamento da mulher durante este período. A idéia do corpo feminino, enquanto território de impureza e pecado, presente na cultura cristã foi incorporado ao discurso médico ao longo da história,

consolidando crenças e práticas, concebendo o corpo menstruado como um instrumento ameaçador, onde à mulher são lançadas imagens ora negativas; ora associadas à eficácia deste sangue no benefício do amatório.

Nesse sentido, podemos verificar que as representações construídas acerca do período menstrual feminino fomentam simbolismos e rituais cujas regras operam por meio de códigos e valores próprios ao imaginário sócio-cultural no qual as mulheres estão inseridas.

Dentro desta perspectiva, este trabalho pretende pensar o corpo feminino, bem como as imagens que foram constituídas sobre este corpo ao longo de um processo histórico. Território dividido entre o sagrado e o profano, pecado e salvação, prazer e dor, o corpo foi objeto de inúmeras concepções, que dizem respeito a crenças e costumes de uma determinada época.

Portanto, este trabalho, propõe um debate acerca da multiplicidade de imagens e significados que caracterizaram o corpo feminino durante séculos, bem como os padrões normatizantes impostos tanto pela filosofia cristã Ocidental, como pelo papel disciplinador e classificador exercido pela medicina na implementação de padrões que normatizassem condutas e vivências femininas, assegurando um maior controle sobre o corpo da mulher.

Assim, buscaremos traçar uma relação entre atitudes e comportamentos que dizem respeito ao corpo menstruado e seus desdobramentos no cotidiano de homens e mulheres, percebendo o corpo enquanto espaço, por excelência, cultural que permite ao historiador a partir de suas manifestações e peculiaridades aprofundar suas investigações e reflexões acerca do imaginário feminino.

A menstruação tem sido ao longo do tempo vista como perigosa sendo, portanto a mulher, o veículo por excelência deste perigo. Razão de discussão e controvérsia, o corpo feminino e suas especificidades têm sustentado noções de gênero que se cristalizam em diferenças sexuais. Onde as suas representações se materializam em tabus, mitos e rituais.

Procuraremos neste trabalho problematizar as nuances das relações que se estabeleceram em torno do corpo menstruado através da análise das transformações sofridas por estes corpos ao longo de sua trajetória de vida, por meio dos depoimentos de dez mulheres da zona rural da cidade de Cuité na década de 1960. No próximo capítulo, iremos nos deter mais detalhadamente a tradições e

tabus que são criados em torno do corpo menstruado e sua importância na construção de uma identidade feminina.

2. CAPITULO II

MENSTRUACÃO: DISCURSOS ELABORADOS SOBRE O CORPO FEMININO

Buscaremos neste trabalho, problematizar a construção das identidades femininas, tomando para tal, o período menstrual feminino, como base para se pensar os discursos e valores que foram sendo instituídos sobre o corpo da mulher. Desse modo, esta pesquisa contou com um conjunto de entrevistas entre mulheres de 60\70 anos de idade. Os nomes são fictícios e serão citados a cada vez que seus depoimentos aparecem no trabalho, como forma de resguardar suas identidades. Com o intuito de identificar discursos, crenças e valores que são expostos aqui a partir de depoimentos que apresentam a menstruação ora como benefício, à medida que esta confere à mulher o passaporte da infância a vida adulta, ora como impureza, como se o corpo da mulher estivesse tomado por uma espécie de enfermidade, durante este período, estando, portanto, sujeito a uma série de restrições.

No entanto, esta forma de pensar o corpo menstruado como um lugar de impureza e imundícia tem profundas raízes na tradição judaico-cristã, quando à mulher era imposta uma série de restrições e cuidados que deveriam ser observados à risca durante o período em que estivesse menstruada. De acordo com as escrituras judaico-cristãs, mais especificamente no antigo testamento, a mulher deveria manter-se separada do marido durante este período. No Livro do Levítico, em seu capítulo 15, versos 19 a 24, existem instruções claras a esse respeito.

Mas a mulher, quando tiver fluxo, e o seu fluxo de sangue estiver na sua carne, estará sete dias na sua separação, e qualquer que a tocar, será imundo até a tarde. E tudo aquilo sobre o que ela se deitar durante a sua separação será imundo; e tudo sobre o que se assentar, será imundo. E qualquer que tocar na sua cama, lavará as suas vestes, e se banhará com água, e será imundo até a tarde. E qualquer que tocar alguma coisa, sobre o que ela se tiver assentado, lavará as suas vestes, e se banhará com água, e será imundo até a tarde. Se também tocar alguma coisa que estiver sobre a cama ou sobre aquilo em que ela se assentou, será imundo até a tarde. E se, com efeito, qualquer homem se deitar com ela, e a sua imundícia estiver sobre ele, imundo será por sete dias; também toda a cama, sobre que se deitar, será imunda.

É possível identificarmos no texto bíblico acima citado uma forte carga negativa atribuída ao corpo menstruado. Não podendo ser tocado e tornando tudo o que tocasse impuro, este corpo deveria ser mantido isolado para que não contaminasse a ninguém com sua impureza. Desta tradição cristã derivam muitas formas presentes ainda nos dias de hoje em nossa sociedade de se pensar o fluxo menstrual, com algo sujo, desagradável, sinônimo muitas vezes de impureza.

A falta de informação a respeito da menstruação, bem como sua função dentro do organismo da mulher, propiciou um terreno fértil ao florescimento de mitos, crenças e tabus em torno do corpo feminino que podem ser vistos ainda nos dias de hoje em práticas e saberes que são repassados diariamente entre pessoas de diferentes idades, carreiras e classes sociais. Desse modo, o corpo das mulheres e suas especificidades estão entre os temas principais em torno dos quais se tem construído as noções culturais que sustentam as diferenças de gênero, o que por sua vez vem ganhando força através de ritos e de discursos que são instituídos socialmente.

Este trabalho tem como uma das fontes a oralidade, através de relatos de histórias de vida de mulheres que aqui compartilharam experiências e lembranças de um determinado momento de sua trajetória, onde vivenciaram transformações físicas e psíquicas advindas da puberdade e seus desdobramentos em um contexto sócio – cultural. Optamos por trabalhar com a entrevista aberta, baseada no diálogo, onde a história de vida do depoente nos fornece certos aspectos da intimidade, da vida cotidiana e familiar, possibilitando, desta forma, ao pesquisador explorar as relações presentes na história individual e no contexto social do qual estas mulheres fazem parte.

Mesmo a história oral recebendo ainda hoje rigorosas críticas por parte de alguns acadêmicos que questionam sua credibilidade, já que, para a história positivista a memória do indivíduo é passível de erros e em muitos casos, até mesmo fantasiosa, constituindo desse modo uma fonte subjetiva. No entanto, entendemos que a subjetividade faz-se presente tanto em fontes orais, quanto escritas, ou visuais, perpassando, portanto, toda e qualquer fonte à medida que um dado acontecimento não é analisado isoladamente, mas, ele é sempre relativizado a partir do contexto ao qual este acontecimento está inserido.

Para Sandra Pesavento (2003), a experiência histórica individual, traz a tona sentimentos, emoções, medos, desejos, subjetividades e sensibilidades, que podem

e devem ser historicizadas quando nos debruçamos sobre um determinado momento histórico.

As sensibilidades seriam, pois, as formas pelas quais os indivíduos e grupos se dão a perceber, comparecendo como um reduto de representação da realidade através das emoções e dos sentidos. Nesta medida, as sensibilidades não só comparecem no cerne do processo da representação do mundo, como correspondem, para o historiador da cultura, àquele objeto a capturar no passado, à própria energia da vida. Sensibilidades se exprimem em atos, em ritos, em palavras e imagens, em objetos da vida material, em materialidades do espaço construído. Falam, por sua vez, do real e do não real, do sabido e do desconhecido, do intuído ou pressentido ou do inventado. Sensibilidades remetem ao mundo do imaginário, da cultura e seu conjunto de significações construído sobre o mundo. Mesmo que tais representações sensíveis se refiram a algo que não tenha existência real ou comprovada, o que se coloca na pauta de análise é a realidade do sentimento, a experiência sensível de viver e enfrentar aquela representação. Sonhos e medos, por exemplo, são realidades enquanto sentimento, mesmo que suas razões ou motivações, no caso, tenham consistência real (PESAVENTO, 2003, p.58)

A noção de sensibilidade trazida por Pesavento, enquanto uma forma de apreensão de uma dada realidade social, onde a experiência humana se traduz em sentimentos, medos, subjetividades que dizem respeito ao imaginário social, tem operado como uma importante ferramenta quando se trata de pensar o corpo feminino enquanto um espaço marcado por valores e sensações que revelam traços culturais de uma determinada sociedade.

2.1. *“Ela me disse que eu tava de boi...”*

Se menstruar constitui um processo hormonal e natural ao organismo feminino, seu sentido não é nada natural. Ao contrário, à menstruação são agregados valores e significados que vão estar engendrados ao contexto cultural de uma determinada sociedade. Paradoxal e contraditório, o corpo menstruado é alvo de diversas opiniões que oscilam entre a glorificação do sangue e a responsabilidade remetida a este sangramento mensal por uma série de doenças e restrições.

Nesta perspectiva, o espaço rural constitui um ambiente onde saberes e discursos fecundarão rapidamente entre a população local. Atravessado por uma

intensa rede de sociabilidade, que por sua vez é gerida e garantida por relações de vizinhança, parentesco e compadrio, a zona rural constitui um campo propício ao surgimento de crenças e tabus que ganham força em práticas e saberes que são passados de geração para geração. De acordo com este pensamento, o corpo menstruado será alvo de uma série de práticas e representações que estarão interligadas ao contexto sócio – cultural, sendo deste modo a sociabilidade e o cotidiano local, faces de uma mesma moeda, onde crenças e valores individuais refletem, na verdade, o modo de viver de uma coletividade.

Um fator recorrente na zona rural apontado em nossas entrevistas é a questão do pouco contato com pessoas que não faziam parte daquele local. Neste sentido, a zona rural configurava um espaço fechado, marcado por um forte controle social, onde as relações de parentesco norteiam as relações do grupo.

“Ói minha fia, logo nói fumo criada, ói, nói fumo criada dentro de uma grot, que nói num andava pra canto nenhum, nói num tinha contato com ninguém. Nói só tinha contato com uma família lá, que essa família era mesmo que ser... Pronto, era tudo prima da nossa família, era como fosse uma família só.”

(Marta, 64 anos de idade, divorciada)

“E ninguém não tinha assim, contato com outras pessoas pra informar o que era, nem como era. Pra vista de hoje em dia que tudo no mundo o pessoal sabe, né, e passa para os outros, né. E tem a televisão pra ensinar tudo também, antigamente não tinha.”

(Ana, 60 anos, pensionista)

Vale salientar que mesmo a menstruação fazendo parte de um processo natural, também constituía uma experiência culturalmente relacionada a questões de gênero sendo cotidianamente resignificada na forma como as mulheres lidam com este processo hormonal atravessado pelos seus corpos. Encarada com vergonha e constrangimento por algumas mulheres, a menstruação vai ganhando significados no contexto de uma determinada cultura em códigos, metáforas, condutas e comportamentos que constituem dispositivos culturais. Para Louro, natureza e cultura são elementos indissociáveis.

“Os significados dos corpos deslizam e escapam, eles são múltiplos e mutantes. Até mesmo o gênero e a sexualidade - aparentemente deduzidos de uma “base” natural - são atributos que se inscrevem e se expressam nos corpos através das artimanhas e dos artifícios da cultura. Gênero e sexualidade não são definições seguras e estáveis,

mas históricas e cambiantes. Deve-se reconhecer que a maioria das sociedades possui algum tipo de distinção masculino/feminino e que essa distinção geralmente é relacionada ao corpo. Contudo, isso não quer dizer que os corpos são “lidos” ou compreendidos do mesmo modo em qualquer tempo ou lugar, nem que seja atribuído valor ou importância semelhante às características corporais em distintas culturas.” (Louro, 2005, p. 9).

Assim, os significados atribuídos ao ato da menstruação só fazem sentido quando pensados dentro de um dado contexto social. Isso significa dizer que, o modo com que as pessoas encaram a menstruação não é universal, mas, seus significados só podem ser lidos no contexto de uma dada cultura.

2.2. “*Aí, quando eu menstruei pela primeira vez, aquela coisa...*”

Apesar das conquistas femininas no século XX, as transformações do corpo feminino durante a adolescência ainda são marcadas por silêncios e segredos de mãe para filha, fazendo com que a primeira menstruação venha a se tornar algo inesperado, recebido muitas vezes com estranhamento e vergonha. A falta de informação fica evidente nas narrativas com relação à primeira menstruação de nossas entrevistadas. Não era só o incômodo em se deparar com um fluxo sanguíneo proveniente da menstruação, mas, o espanto aqui relatado diante de um processo biológico, inerente a fisiologia feminina, que para elas era desconhecido.

“A primeira vez, a gente sempre estranhava, que a gente não sabia nem o que era né? Não sabia né? E ficava até assombrada, quando via aquele negócio (sangramento) na calcinha diferente, né? Pra vista de hoje em dia que tudo no mundo a gente sabe, né? Mais naquela época, ninguém não sabia nem o que era. Porque agente era como uma pessoa inocente, né? Quando eu menstruei, eu falei pra minha mãe: - parece que eu me cortei, que tem um negócio aqui melado de sangue, parece que eu me cortei.”

(Ana, 60 anos de idade, pensionista)

Assim, o silenciamento de mãe para filha envolvendo assuntos relacionados ao corpo, onde a vergonha em se falar do próprio corpo constituiu uma marca do que é ser mulher, faziam com que muitas mulheres nada soubessem acerca do que era a menstruação antes de terem vivenciado este acontecimento. No entanto, essas mulheres aprenderam desde cedo, à importância da descrição e do silêncio quando o assunto é o corpo e seus aspectos mais íntimos.

“Aí, quando eu menstruei a primeira vez, aquela coisa... Menina foi um desespero, foi uma agonia tão grande. E eu, eu não sabia como fazia, porque não sabia que tinha que usar pano... E eu não sabia disso, porque eu nunca tinha visto da minha mãe, ninguém me explicou...”

(Sueli, 61 anos de idade, aposentada)

Algumas mulheres relatam o espanto que sentiram ao menstruar pela primeira vez. Já que a menstruação, assim como outros assuntos relacionados ao corpo feminino como sexualidade, orgasmo, virgindade, entre outros ainda hoje se constituem como tabus para nossa sociedade. A falta de conversa, ou mesmo algum tipo de instrução acerca da menstruação contribuiu para que muitas mulheres ficassem alheias às transformações sofridas em seus próprios corpos. Algumas mulheres chegavam mesmo a pensar que estavam doentes, sem entender a procedência daquele sangramento, como é o caso de Joana:

“Quando aconteceu, eu não sabia o que estava acontecendo, achei esquisito, pensei que tava doente. Aí, fui procurar minha irmã pra contar. Ela que me disse que eu tava de boi e me explicou o que tinha de fazer.”

(Joana, 60 anos de idade, viúva)

De acordo com o relato de Joana, o sangramento proveniente da menstruação foi em um primeiro momento associado à doença, pela falta de instrução ou mesmo de informação acerca do ato menstrual. No entanto, o desconhecimento acerca deste tema, assim como de outros assuntos que tratam do corpo feminino, faz com que a menstruação seja pensada não só como um componente natural à fisiologia feminina, mas, um acontecimento social, à medida que são produzidas representações em torno da menstruação, que por sua vez, estão engendrados a um contexto social e cultural.

Eu sabia que aquilo (menstruação) num era normal. Que eu num tinha aquilo, né? A primeira vez eu escondi de mãe, quando foi da outra vez, foi que eu contei a mãe.(...) Eu escondi porque tinha vergonha, muié.”

(Marta, 64 anos de idade, divorciada)

Para muitas mulheres, como no relato de Marta, a primeira menstruação constituiu uma experiência anormal por ser incomum, já que, quando menstruou a primeira vez, não sabia de nada a respeito da menstruação. No entanto a sensação de anormalidade presente na fala de Marta não diz respeito apenas à falta de

conhecimento sobre menstruação, o que viria a ser ou mesmo qual a sua função no organismo feminino, mas, quando Marta fala: *"Eu sabia que aquilo não era normal..."* ela também está se referindo a um modo de pensar o corpo como anormal, desordenado, associando aquele sangramento à doença, um corpo defeituoso. Esse modo de pensar o corpo menstruado como anormal e imperfeito reflete um discurso religioso que projetava o corpo feminino como um lugar de pecado e impureza. Esse modo de pensar o corpo como um lugar de pecado produziu subjetividades como o silêncio, o medo e a vergonha que nortearam as relações que essas mulheres estabeleceram com seu corpo, perdurando em hábitos de esconder e silenciar o corpo.

É também a partir do ato da menstruação que a mulher irá assumir certos papéis que por sua vez estarão intimamente relacionados aos processos biológicos decorrentes da puberdade. Já que, de acordo com o senso comum, antes da primeira menstruação (menarca) a mulher ainda é vista enquanto criança, juvenil. No entanto, a partir da menstruação, esta passa a ser encarada enquanto "mocinha", passando a ser vista enquanto mulher, logo após sua iniciação sexual. O surgimento do primeiro sangue menstrual, nada mais é do que a manifestação de uma transformação hormonal que faz parte de um processo biológico que a mulher irá desenvolver em seu corpo. Entretanto, do conjunto dos depoimentos, podemos perceber a primeira menstruação, como um momento de transição, onde a mulher deixa de ser criança e passa agora a se enxergar como mulher, deixando de lado muitas vezes brincadeiras e comportamentos infantis e assumindo uma postura mais séria. Para essas mulheres a menstruação significou uma nova leitura de seus corpos, bem como a construção de um novo senso de si mesmas à medida que adotavam um novo comportamento. Desse modo, o ato da menstruação significou um momento de passagem da infância para uma nova condição de mulher. Como nos diz a célebre frase de Simone de Beauvoir: "não se nasce mulher, torna-se mulher".

"Depois que a gente sabia o que era, a gente ficava até alegre. Dizia: Pronto! Graças a Deus! Já tô moça! Agora a gente não vai mais ficar brincando de boneca, que isso aí é coisa de criança, de ficar brincando de boneca."

(Ana, 60 anos, pensionista)

Essa narrativa mostra nitidamente o impacto da primeira menstruação na vida de Ana, que recepciona esta prática com satisfação, já que esta lhe confere agora um status de moça, e não mais de criança. Neste sentido, a menstruação constitui para muitas mulheres uma espécie de passaporte à vida adulta. Já que, a partir da menstruação seu corpo experimenta sensações e mudanças que iram interferir diretamente no modo como a mulher irá se comportar a partir daquele momento.

Porém, nem sempre a menstruação foi recebida com alegria entre as entrevistadas. Para algumas, como no caso de Sueli, que teve sua primeira menstruação aos onze anos de idade, a menstruação significou uma série de restrições que não se limitavam apenas as questões físicas e orgânicas, mas, a forma que esta passaria a se relacionar, principalmente com relação ao homem a partir da primeira menstruação.

“Aí, minha mãe ficava: Ah, porque você não é mais criança; porque agora você já é moça; porque agora já é moça; porque não pode namorar; porque senão se perde; porque não pode beijar, porque se não se perde; se pegar na mão já perdeu a honra. E eu, que diabo, que diabo de honra (virgindade), quê é que é honra, né? E num namorava, eu não namorava mesmo”

(Sueli, 61 anos de idade, aposentada)

Vivenciada no silêncio e na vergonha, a menstruação constituiu um tabu para muitas mulheres, que relataram nada ou quase nada saber a respeito deste tema antes da primeira menstruação. Sem maiores indagações, estas mulheres aprenderam na própria experiência o que era a menstruação. Depois que menstruavam é que a mãe ou as irmãs mais velhas iriam lhes dizer como proceder e quais cuidados deveriam ser tomados durante este período, como nos conta Sueli:

“Aí quê, que acontece. Eu fiquei nesse desespero, até que já terminando a menstruação; eu lembro que eu ia saindo mais a minha mãe e meu pai. Meu Pai ia assim mais na frente e eu no meio e a minha mãe, mais atrás. E o meu vestido, não, uma saíinha, era saia. E a saia tava manchada de sangue, mais eu nem sabia, nem vi. Também nessa parte de trás, né? Aí a minha mãe me puxou assim por o braço, assim, aí falou assim: você tá doente? Eu falei: não, tô não, tô não mãe, tô não. E o que é esse sangue aí na sua roupa? Aí eu fui contar a história né? Mais isso, já tava no fim. Aí que ela foi me ensinar, que tinha que botar paninho, que tinha, o quê não sei o que é que tem... que pêpêpêpê e pápápápá, que não podia tomar banho, que não podia chupar manga, que não podia chupar abacaxi, que

não podia... Tudo eu tinha feito, tudo eu tinha feito, porque ninguém..., por falta de informação, né ?”

(Sueli, 61 anos de idade, pensionista)

No depoimento acima, é possível percebermos alguns aspectos comportamentais tais como o silêncio, o medo e a vergonha de Sueli em contar para mãe, mesmo sem saber ainda do que se tratava aquele sangramento, assim como, os saberes e as “verdades” que se instituem sobre a menstruação, como quando a mãe fala para filha quais os cuidados que devem ser tomados para com o corpo menstruado, como não tomar banho durante este período, não chupar manga, não chupar abacaxi, entre outros. Podemos então perceber como representações e “verdades” vão se construindo em diálogos e discursos que são reelaborados cotidianamente em práticas e saberes que por sua vez irão constituir dispositivos culturais, e que, portanto, só fazem sentido quando pensados no contexto de uma determinada cultura. Mesmo sem saber o que significava aquele sangue, ou qual era a sua função, Sueli entendeu que devia escondê-lo. Segredar o corpo menstruado foi e ainda é hoje uma prática recorrente entre as mulheres.

É comum em nossa sociedade que certos temas sejam tratados com discrição, em voz baixa, sendo nestes casos comum a utilização de metáforas quando se trata de falar sobre o corpo, principalmente em seus aspectos mais íntimos. Essa forma segredada e codificada de falar da fisiologia feminina constitui uma prática cultural que está associada a uma forma específica de se pensar a mulher. Com a menstruação não foi diferente, ao período menstrual foram lançadas uma série de metáforas que iam sendo incorporadas ao vocabulário popular. Assim, o tabu da menstruação aparece claramente nas várias maneiras de se referir ao corpo menstruado, tais como: está doente, está de regra, de boi, de Chico, nesses dias, indisposta, entre outros. Portanto, essa forma codificada de falar do corpo menstruado, é uma prática cultural que está inserida numa forma peculiar de se pensar a mulher.

“Ah. Tinha muito nome que chamavam quando se tava nesses dias. Tinha uns que chamava de Chico, de boi, de bode. Minha mãe dizia que tinha se quebrado o pote, quando a mulher menstruava.”

(Joana, 60 anos de idade, viúva)

“Hoje em dia é menstruação, num é? Antigamente era Chico, boi, essas coisas. Que a gente não sabia chamar isso como a gente chama hoje.”

(Ana, 60 anos de idade, pensionista)

A expressão “quebrado o pote”, que aparece no depoimento de Joana, dá a idéia de um corpo rachado, dividido em antes e depois da menstruação, corroborando com a noção de que a menstruação marca um ritual de passagem entre a infância e a juventude. Nas expressões utilizadas por nossas entrevistadas para falar do ato menstrual podemos perceber táticas de esconderijo, um conjunto de significados e linguagem falados em voz baixa que constitui uma prática cultural.

Estes discursos são lugares de circulação e sentidos de gênero, além do que, este não era um assunto que devesse ser tratado assim em qualquer lugar ou com qualquer pessoa, mesmo que esta pessoa fosse alguém da família. A menstruação, assim como outros assuntos, deveria ser conversada apenas entre mulheres. Neste sentido, às mudanças atravessadas pelo corpo feminino vão sendo marcadas por códigos e metáforas, onde podemos perceber toda uma produção discursiva que enquadra o corpo feminino como um espaço regrado, um corpo disciplinado e normatizado. Nos relatos de nossas entrevistadas podemos perceber uma forma segredada quando falam de seu corpo, assuntos como a menstruação deveria ser falado em voz baixa entre murmúrios e sussurros, mostrando que a menstruação era um assunto da ordem do privado e do proibido, onde o medo e a vergonha permeiam o modo como nossas entrevistadas irão representar seus corpos no silêncio e no segredo.

“Não se falava sobre essas coisas em casa com todo mundo, só com a mãe ou a irmã. Dava vergonha de falar essas coisas na frente de todo mundo, principalmente dos homens, do pai, do irmão.

(Lúcia, 70 anos de idade, aposentada)

“Nesse tempo, a gente tinha vergonha de conversar isso aí. Naquele tempo, não se conversava sobre isso, não.”

(Ana, 60 anos, pensionista)

2.3. “... pêpê e pápá...”

Para muitas mulheres, o fluxo sanguíneo é visto como sujo desagradável ou até mesmo contaminado. Entretanto, para algumas mulheres este sangramento adquiria outra conotação. Acreditando possuir um poder especial, este sangue era usado em benefício do amatório. Seja para segurar o casamento, ou mesmo para conquistar o homem, objeto de seu desejo enfim, várias foram às formas

encontradas por estas mulheres para utilização do fluxo sanguíneo que se manifestavam em práticas inusitadas.

“já ouvi falar muito disso (superstição), o sangue da menstruação passar em bife, fritar e dar pra pessoa comer. Sangue da menstruação no café. É..., coar assim o café na calcinha suja. Ah, essas coisas assim, já ouvi muito.”

(Sueli, 61 anos de idade, pensionista)

Utilizada como um elemento mágico, sobretudo nas amarrações do amor, a menstruação, mais especificamente o fluxo sanguíneo proveniente da menstruação, foi utilizado por muitas mulheres que tinham como objetivo conquistar, ou mesmo segurar uma relação. No entanto, estas práticas nem sempre eram vistas com bons olhos por todas as mulheres. Este era um assunto a ser conversado a surdina, para que as mais jovens não ouvissem.

“Essas histórias, elas são assim colhida de uma forma, vamos dizer assim: ouvi através de parente, entendeu? Aí, as vezes junta, juntava essas comadre e, vamo conversar as comadres e a mocidade tava lá pra fora, a molecada tava lá pra fora. Mais sempre tem um curioso, né? Que vinha pegar uma água assim, sem tá com sede. Vem no pezinho da parede ouvir quê , que tá falando, entendeu? E aí, se ouvia isso. E o que acontece, quando uma ouvia, uma adolescente, no caso, que agora a gente chama adolescente, mais na época, num era, era moleca. Aí passava pra outra: olha, eu escutei a minha mãe falando assim, com não sei quem, contando essa história.”

(Sueli, 61 anos de idade, pensionista)

Segundo o relato acima, escutar atrás da porta, entre outras maneiras de não se deixar perceber, também era uma forma de se informar sobre assuntos que não eram conversados abertamente, mas, sussurrado, falado apenas em espaço privado. Mesmo ludibriando normas, como o não falar, essas mulheres reproduziam a vergonha e o medo quando o tema era o próprio corpo em seus lugares mais íntimos.

Sem falar que, para muitos homens, objetos da paixão e do desejo de algumas mulheres, essas práticas e rituais de magia que se fazia com a utilização do sangue menstrual acabavam por se transformar em problemas de saúde adquiridos pela ingestão de determinados alimentos e bebidas feitos com o fluxo sanguíneo menstrual.

“Tinha pessoas, que os rapazes até ficavam doentes, com problema de estomago, com tudo. Porque era uma coisa muito nojenta, né ?. Uma coisa assim que, pelo amor de Deus! Nossa Senhora! Eu ouvi muito, nunca fiz. Eu mesma nunca fiz, mas ouvia sim. Ouvia falar.”

(Sueli, 61 anos de idade, pensionista)

Percebemos nos relatos de nossas entrevistadas o quanto o fluxo sanguíneo, proveniente da menstruação é visto como sujo sinônimo de impureza e imundícia. Atentando para a rede discursiva que permeia as relações sociais, verificamos na expressão utilizada por Sueli, no relato acima: *“porque era uma coisa muito nojenta”*, quando se refere ao sangue menstrual utilizado por algumas mulheres na realização de simpatias, resquícios de um discurso religioso que enquadrava o corpo menstruado numa lógica de repulsa e ojeriza. Assim, as memórias de nossas entrevistadas reproduzem representações da menstruação associadas à sujeira, ao mau cheiro proveniente do fluxo menstrual, reproduzindo discursos e representações nos quais o sangue mensal aparece como responsável por doenças e transtornos físicos, principalmente quando utilizado por determinadas mulheres para realização de magias e feitiços para conquistar e seduzir o homem desejado. Nesse discurso, o sangue utilizado nesses rituais de magia causava acidentes e contratempos aqueles que ingeriam este sangue, fazendo do útero feminino um espaço retentor de um veneno capaz de acamar o sujeito que dele provasse. Esse tipo de pensamento ganhou respaldo na tradição cristã, que contribuiu na consolidação dessas crenças, cuja visão a respeito do corpo menstruado era de um lugar de impudência e sujeira, advertindo aos homens quanto à importância de se manterem afastados de suas mulheres durante o período em que estivessem menstruadas, evitando que fossem contaminados por elas.

De acordo com alguns trechos de nossas entrevistas, podemos notar o quanto a menstruação não era vista com naturalidade, pelo menos no que se refere à primeira menstruação, já que segundo os depoimentos aqui colhidos, o fato de menstruar era algo desconhecido para maioria delas, em função da falta de informação e conhecimento acerca do tema. Sem saber o que acontecia com seu corpo, era comum que ao menstruar muitas mulheres acreditassem estar doente. Sendo seu corpo vítima de uma debilidade, uma fragilidade ligada à natureza da mulher.

“Dizia que tava doente dos tempos. Era muié, dizia: Fulana tá doente de que? Dos tempo, dos tempo dela. Num tinha história de menstruação. Menstruação é agora. Essa menstruação é novo:.

Fulana ta doente de que? Dos tempo dela, os tempo dela chegou. Era minha fia, era desse jeito.”

(Marta, 64 anos de idade, divorciada)

Nas memórias de nossas entrevistadas, a idéia de menstruação aparece em muitos casos atrelada à doença, um estado de enfraquecimento que se aproxima de um estado de debilidade. Considerada como doença, a menstruação são lançados cuidados e reservas, construindo um novo modo de vivenciar o corpo. Assim como um corpo adoentado, o corpo menstruado também era merecedor de certos cuidados que deveriam observados a risca, como nos conta Joana:

“A gente não tomava banho quando estava de boi, só depois que passava aqueles dias. Geralmente, durava quatro dias. Tinha que ficar de repouso. Ninguém ia pro roçado quando tava de boi. Não podia levar sol quente na cabeça. Não podia, se quer, passar debaixo de um pé de limão nem comer jaca nem manga, abacaxi. Não podia comer nada carregado. Minha mãe e minha irmã mais velha, foi quem me diziam o que não podia fazer, quando tava nesses dias.”

(Joana, 60 anos de idade, viúva)

Em todas as entrevistas realizadas no presente trabalho sobre a menstruação, as depoentes demonstraram claramente sua preocupação e os cuidados que eram empreendidos ao corpo quando estavam menstruadas. Estes cuidados eram quase sempre seguidos atenciosamente assim que eram informadas (as que não sabiam) que haviam menstruado. Na maioria das vezes, a mãe ficava incumbida de passar as filhas os cuidados que deveriam tomar com o corpo durante o tempo em que estivessem menstruadas. Quando não eram as mães que ensinavam, a irmã mais velha fazia este papel, pois já havia vivenciado esta experiência, e assim, orientava as mais novas como proceder como no caso de Lúcia:

Quando minha menstruação chegou, minha irmã mais velha foi quem me ensinou tudo que tinha que fazer. Naquele tempo, a mulher menstruar era como ficar doente. Não se podia comer certos alimentos, comidas carregadas, certas frutas. O limão, por exemplo, esse a gente não podia nem segurar na mão quando tava naqueles dias, que fazia mal.

(Lúcia, 70 anos de idade, viúva)

Assim, a noção de cuidar do corpo durante o período menstrual associando-o a um estado doentio promoveu práticas e saberes como não tomar banho, não

lavar o cabelo, não andar com os pés descalços na terra, passar embaixo de um pé ou mesmo segurar um limão nas mãos. Enfim, práticas e saberes que iam sendo reproduzidos ao longo das gerações de mãe para filha.

“Mamãe não deixava nem a gente tomar banho nem lavar a cabeça, entendeu? A gente só se banhava do pescoço pra baixo, sabe? E às vezes, também não era nem com água fria. Se tivesse fazendo frio, mamãe não deixava a gente tomar com água fria, era morna. Era como se tivesse doente. A gente ficava durante os quatro dias da menstruação, tomando só banho de assento. A gente tomava banho disso aí. Sem lavar a cabeça. Tinha os dias da pessoa lavar a cabeça. Pra vista de hoje, né? Olhe, minha mãe não deixava a gente comer nada carregado: jaca, manga, abacaxi, essas coisas. Ninguém comia isso aí.:Peru, limão, carne de porco... é... guiné; ninguém num comia, que é muito carregado. Camarão, o povo diz que é muito carregado. Olhe, pertenceu à comida carregada, mamãe não deixava a gente comer nada. Pra vista de hoje em dia, o povo leva tudo aí , né? O povo hoje come de tudo.”

(Ana, 60 anos, pensionista)

“Naquele tempo não era como hoje, que a mulher faz de tudo e não tem medo de nada. A gente antigamente não podia nem pegar em um limão, que fazia mal. A gente não tomava banho quando estava menstruada. Ficava uns quatro dias assim; só se banhando. Não comia nada de comida carregada: Macaxeira, carne de porco, abacaxi, jaca, manga... “Tudo que fosse carregado, à gente não podia comer.”

(Diana, 79 anos de idade, aposentada)

A experiência particular de nossas entrevistadas associada às representações culturais do grupo social do qual fazem parte, promoveram práticas e saberes que interferem diretamente nas formas como essas mulheres vivenciarão a experiência da menstruação em seus corpos. Entendendo a experiência menstrual dentro de uma lógica cultural específica podemos perceber que essas mulheres produzem e reproduzem representações cotidianamente em práticas, saberes e discursos. Para Chartier (1994), a representação e o real são indissociáveis, já que, a representação é o modo como nós decodificamos o real.

Nos relatos aqui compartilhados, podemos perceber que quando menstruavam pela primeira vez, mesmo sem saber do que se tratava aquele sangue, se estavam doentes ou haviam sofrido algum tipo de acidente sem perceber, algumas mulheres sentiam-se envergonhadas, sem falarem com ninguém, nem mesmo com a mãe, em um primeiro momento, davam um jeito de esconder o que se passava com seu corpo. Dentro deste contexto, algumas mulheres na

tentativa de conter o sangramento, confeccionavam paninhos que elas mesmas costuravam e escondiam de todos como se aqueles panos simbolizassem a sua vergonha, principalmente dos pais e irmãos.

“Agora minha fia; os meus pano eu lavava e escondia dentro de um muimeleiro tão grande nesse mundo. Ói; que só quem sabia era eu, que tava lá. Eu fazia varedinha, tinha varedinha. Pensa que eu estendia em ceica? Não minha fia. Eu tinha uma varedinha assim, dentro de um muimeleiro, num riacho. Eu botava tudim lá, lavava aquilo tudo bem lavadinho, deixava parece um côco,. Eu deixava levar sol e sereno, levar sol e sereno, e sereno, sereno. Aí quando juntava as noites, que tinha levado muitos dias de sol e sereno. Aí , eu drobava lá no mato, drobava bem drobradinho. Trazia o pacotinho, já arrumadinho pra naquele mês já tá tudo ali guardadinho(...).Porque eu tinha veigonha, eu tinha uma veigonha do povo vê. De pai chegar a vê. Outra pessoa chegar assim; tá aquela panaria véia estendida. E outra; de guardar, que eu sabia, que no outro mês, que por certo eu tinha que precisar né”
(Marta, 64 anos de idade, divorciada)

No depoimento de Marta podemos perceber a preocupação que havia em esconder os sinais que evidenciassem a menstruação. De modo que se fazia necessário ocultar o fluxo menstrual, bem como as marcas deixadas por este sangramento. No relato feito acima, Marta nos conta de sua odisséia para esconder seus “paninhos” dos olhos alheios. Assim foram sendo tecidas práticas para esconder o corpo feminino e as marcas deixadas pelo corpo menstruado. Nas memórias aqui expostas podemos enxergar práticas e discursos que buscavam esconder e silenciar o corpo menstruado. Neste sentido, o corpo não constitui apenas um agente natural, mas ele é construído na experiência cotidiana dos indivíduos em práticas e discursos que fazem parte de um modo de viver a sexualidade feminina desenhando o nosso ambiente cultural.

Os conceitos e imagens acerca da menstruação que aparecem nas falas de nossas entrevistadas são resultado de disputas que são travadas cotidianamente na nossa cultura, constituindo relações de poder, onde os discursos religiosos, científicos e políticos entre outros vão sendo apropriados e reinventados por homens e mulheres que constroem para si representações que dão significado e sentido a forma como vivenciam seus corpos e sua sexualidade.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lembranças que falam de momentos aqui rememorados que trazem à tona experiências e recordações que foram se materializando. Sendo assim, neste trabalho objetivamos analisar a menstruação enquanto um fator biológico, social e cultural que atua diretamente na construção das identidades femininas. Utilizamos os depoimentos de dez mulheres de diferentes esferas sociais da cidade de Cuité, a fim de esquadrihar as transformações psíquicas, hormonais e biológicas advindas da puberdade, em especial a menstruação, com intuito de problematizar os valores e significados atribuídos a esse processo relacionando-o aos valores culturais de nossa sociedade.

Através de pontos específicos dos depoimentos aqui coletados, buscamos problematizar o corpo, o que comemos, como nos vestimos como cuidamos dele, como um agente cultural, onde este corpo obedece a uma lógica cultural, que se consolida rotineiramente em práticas e atividades corriqueiras a cultura se materializa no corpo. Sendo assim, a mulher em seu corpo vem sendo construída ao longo do tempo por tradições, tabus e valores éticos e morais da sociedade da qual participa. São esses tabus que nos fornecem o material para a construção do corpo feminino, através de símbolos e códigos que produzem tanto o corpo feminino, quanto o masculino, distinguindo-os um do outro os assentando em um determinismo biológico.

Nessa perspectiva, a menstruação enquanto uma característica exclusivamente feminina marca uma forte diferença entre o homem e a mulher estabelecendo noções de gênero que convencionam o corpo feminino como interior e imperfeito. Nesse pensamento as fases da fisiologia feminina são assinaladas por valores e conceitos culturais que se desvendam em discursos e conceitos que aproximam a mulher da natureza diferentemente do homem que é concebido como um ser por excelência humano. Esse tipo de discurso territorializa o sexo masculino dentro de uma lógica racional enquanto o corpo feminino é produzido como uma complicada e misteriosa obra da natureza, um corpo muitas vezes associado ao corpo do animal. Esse tipo de representação pode ser evidenciado nas metáforas utilizadas por nossas entrevistadas quando se referem ao corpo menstruado com

expressões como estar de boi ou de bode, expressões essas que nos dão a idéia de um corpo animalizado.

Portanto, o ato menstrual produz subjetividades que vão ganhar força em práticas como esconder, isolar e silenciar o corpo menstruado, promovendo atitudes e condutas como cobrir e esconder o corpo menstruado. Desse modo, as memórias aqui compartilhadas apresentam a experiência da menstruação como um momento marcante em suas vidas, vivenciada na surpresa, no medo e na vergonha o ato menstrual produzia uma nova forma de se enxergar e se comportar. Contudo, mesmo vivendo sob rígidas normas que diziam como a mulher deveria se comportar, a experiência menstrual adquiriu contornos diferentes nas experiência particular de vivenciar a menstruação.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA DE REFERÊNCIA. V. T. Thompson. Português. Bíblia Sagrada. Edição Contemporânea. São Paulo. Vida, 1995.

BANDINTER, E. Prefácio. In BANDINTER, E. Um amor conquistado: o mito do amor materno. RJ, Nova Fronteira, 1995.

BRITZMAN, D. P. O que é esta coisa chamada amor? Identidade homossexual, educação e currículo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, n. 21(1), p.74, jan./jun. 1996.

BURKE, P. A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales 1929 – 1989/ Peter Burke; tradução Nilo Odália. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1997

CARDOSO, C. F. v. R.. (orgs). Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campos, 1997

CARVALHO, M. G. Identidades sexuais e de gênero na globalização: uma questão de negociação? – Revista REDES. Vol. 1 – num. 1 – Abril – Junho/1997

CHARTIER, R. A História Cultural: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1994

ENGEL, M. História e sexualidade, In: Ciro Flamarion e Ronaldo Vainfas (orgs). Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Ed. Campus,. (297 – 311), 1997.

FREYRE, G.. Casa- Grande e Senzala. Lisboa, Livros do Brasil. P.361, s.d.

HALL, S. Da diáspora: identidade e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG. p.38, 2003

In: SILVA, T. T. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, p109, 2003

HEILBORN, M. L. *Construção de si, gênero e sexualidade*. In: *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999

HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. Prefácio de Antonio Candido. 12a ed. Rio de Janeiro: J. Olympio. P.106/7, 1978

LOURO, G. L. *Gênero sexualidade e educação: uma perspectiva pós – estruturalista* (2 edição). Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

LOURO, G. L.. *Corpos que escapam*. Estudos Feministas. Brasília, n.4 ago. dez. 2003.

PESAVENTO, S. J. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 58, 2003

RAGO, M. *A sexualidade feminina entre o desejo e a norma: moral sexual e cultura literária feminina no Brasil, 1900 – 1932*. História – Anpuh. N. 28, Vol. 14., 1994

SAMARA, E. M., *Mistérios da “Fragilidade Humana”: o Adultério Feminino no Brasil, Séculos XVIII e XIX*,. In: *Revista Brás, de História*. São Paulo. Vol. 15, n. 29, Pag. (57 – 71), 1995

SILVEIRA, A. J. T., *História, Saúde, Ciência*. texto apresentado no Seminário de História e Teoria da Ciência do Scientia e Technica – FAFICH, Belo Horizonte, novembro de 2000.

